

AMARAL, ANA LUÍSA. **ÁGORA**. LISBOA: ASSÍRIO & ALVIM, 2020, 144 p.

Maria Irene Ramalho
 Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
mirramalho@gmail.com

O lírico e o político: a propósito de *Ágora*, de Ana Luísa Amaral

*Imagens
 que voltavam devagar,
 se encostavam a ela sem pudor*

“A hora exacta” (*Imagias*, 2002)

A 3 de Dezembro de 2019, *Ágora* foi apresentado, no Porto, por Joana Matos Frias; e a 9 de Dezembro seguinte, em Lisboa, por Lídia Jorge. Agradeço a Ana Luísa ter-me facultado os textos destas duas magníficas apresentações, com as quais muito aprendi. Com aguda inteligência e delicada sensibilidade literária e artística, Lídia Jorge, grande romancista que é, descobre em *Ágora* profundas afinidades: uma “arte de composição”, diz ela, a conviver “paredes meias” com a narrativa de ficção, cheia de personagens e enredos. Joana Matos Frias, por sua vez, premiada autora de ampla e importante reflexão sobre a relação entre a poesia e a arte – aquilo que a crítica há muito convencionou chamar *ekphrasis* – empresta a *Ágora* um notável contexto teórico e hermenêutico, que novos horizontes abre a quem mais queira ler este novo livro de poemas de Ana Luísa Amaral.

Ágora é um livro de poemas com “santinhos”. Era assim que, há muitos anos, na minha escola primária, falávamos de um livro recheado de imagens que, por isso, era – ou parecia – muito mais fácil de ler: os “santinhos” ilustravam as palavras. Será o caso aqui? Não sei. As gravuras que temos em *Ágora* poderão, ou não, ser “ilustrações”. É a palavra que vai em busca de imagem? Ou a imagem que suscita a palavra? Muito argutamente, Lídia Jorge sugere que isso é irrelevante. Diz a romancista: “imagem e poema resultam em páginas indissociáveis que se iluminam reciprocamente”. Joana Matos Frias, por sua vez, lembra, muito oportunamente, a origem verbal das imagens bíblicas e clássicas que a poeta usa em *Ágora*. Eu vejo as imagens encostarem-se “sem pudor”, mas também o contrário. Voltarei a esta questão, mas permito-me antes invocar aquele poema de Álvaro de Campos em que Fernando Pessoa acaba dizendo que “todos os versos são sempre escritos no dia seguinte” (“Insónia”) – por quem os lê, acrescento eu. Em Joana Matos Frias e Lídia Jorge, encontramos duas versões de *Ágora*, escritas no dia seguinte. Aqui trago mais uma, escrita no dia a seguir ao dia seguinte.

Começo por reflectir sobre a escolha deste estranho título – *Ágora*? O título de qualquer obra é o primeiro convite de quem escreve à cumplicidade imaginativa de quem lê. Um livro anterior de Ana Luísa Amaral, que também tive o ambíguo privilégio de “lançar”, tinha por título *Ara*. E só muito mais tarde, anos depois desse pronunciamento público, me dei conta da acribia poética desse título. “Ara”, o antigo altar gentílico dos sacrifícios pagãos, mais tarde traduzidos na oferenda do corpo de deus em altar cristão, é a dádiva-de-si da poeta, que se deixa imolar no seu dizer outro. Poeta digna desse nome, a poeta de *Ara* não podia senão



deixar-se sacrificar na ara-da-língua, e abnegadamente deixar-se dizer *o avesso* de si. É esse avesso, ou “outro”, que é a poesia (como quando Rimbaud diz “je est un autre”) – aquilo que interrompe o que nos acomoda, aquilo que interrompe a reconfortante acomodação de nos sabermos nós no aconchegante contexto social que nos identifica, coarcta e contém. Assim se expõe ao social e ao político o lirismo desassossegante da poesia de Ana Luísa Amaral.

Com *Ágora*, a poeta vai mais longe ainda, logo à partida se colocando, inteira, no espaço público, no ser social e na esfera política. É isto mesmo que quer dizer a palavra grega *ágorá*: o espaço público de reunião e debate da antiga *polis*. Neste livro nos oferece Ana Luísa Amaral, em palavra e em imagem, e de modo algum apenas na subjectividade do seu “eu” lírico, a cidade em que há milénios vivemos, uma *polis* de complexas relações e flagrantes contradições – a cidade dos “eleitos” e a dos “outros” (“A terra dos eleitos”, p. 127-130). A poesia de *Ágora* desoculta, assim, a nossa antiquíssima cultura de amor e ódio; poder e vingança; ambição e violência; triunfo e exclusão; paixão e traição; exaltação e usurpação; espanto e horror; liberdade e escravatura. Mas *Ágora* é, antes de mais nada – enquanto palavra e imagem – poesia de se dizer – e de dizer o mundo.

Assim mesmo fala a belíssima capa do livro, que reproduz um dos muitos quadros que na nossa cultura têm sido dedicados por famosos pintores ao episódio do *Génesis* (32.24) sobre a luta entre Jacob e o anjo. O artista escolhido por Ana Luísa Amaral para lhe fazer a capa foi Bartholomeus Breenbergh, um pintor holandês da primeira metade do século XVII, que na sua tela capta a vastidão da jornada-de-poder de Jacob, temeroso, ao encontro do seu irmão Esaú, a quem roubara a primogenitura. Ao vencer o anjo, que não é senão deus, e ao conquistar um novo nome – Israel – Jacob segue legitimado para continuar a erguer a terra que lhe fora prometida pelo deus de Abraão e Isaac: “(. . .) esta terra em que estás deitado, ta darei a ti e à tua semente. E a tua semente será como o pó da terra” (. . .) (*Génesis* 28.13-14).

É fácil de entender o interesse de tantos artistas pelo episódio bíblico de Jacob a lutar com o anjo. A vitória de Jacob sobre deus é a conquista da imaginação criadora, a que às vezes se chama inspiração. Será por isso mesmo que *Ágora* inclui uma outra imagem de *Jacob lutando com o anjo*, agora um quadro de Léon Bonnat, um pintor francês da viragem do século XIX-XX, que até pintou dois quadros alusivos ao passo bíblico, um mais realístico, outro – o escolhido por Ana Luísa Amaral – mais abstracto e evocativo. Eu tenho dificuldade em perceber se o poema da página 49 – “Jacob e o anjo” – fala da gravura na página 48, ou se é a gravura que fala do poema. Inclino-me a pensar que é a imagem da luta – divina e por de mais humana – que eloquentemente fala de um poema que, por sua vez, fala, ainda mais eloquentemente, da poeta e da sua poesia:

*Até à madrugada
lutarei contigo*

A percepção sentida por Jacob
De que esse que ali estava
Não era só divino,
mas feito de matéria tão divina e igual
à sua própria carne

A agonia do espaço,
a tortura do tempo,

e assim, a luta: longa necessidade,
em sobressalto:
a alma

*Vi-o e à sua face, e não morri,
por isso o preservei
e ele a mim*

*Saber das suas asas e das minhas,
que as suas pernas junto a mim caminham
e o rio que nos separa:
um rio igual?*

A leste do Jordão,
naquele dia

*Olhei a sua face, e não morri:
não Deus,*

mas meu irmão

Como não recordar “Orfeu do avesso”? Um poema de *Epopéias* (1994), em que já a articulação entre o sagrado, a poesia e o amor está bem explícita. Vi o abismo e não morri, amei, diz a poeta-do-avesso, abandonada pelo canto gregoriano:

De pé sobre o abismo
e não morri:

Canto gregoriano
muito limpo
não me chegou:
o fim

Catedral
sobre o risco,
sobre um azul tão grande
que afundar-me podia

Ao fundo do mais fundo
mergulhei
e não morri:
amei

Também Jacob, em sua luta, se descobre humano e fraterno na face de deus, que igualmente contempla sem morrer. E que é a luta de Jacob senão a luta da poeta com a sua própria criatividade? Os modernistas viam o poeta como artesão. Pessoa até falava de poeta-

operário; Stevens dizia que o poema devia ser feito, e não deixar-se acontecer. Mas a verdade é que o acontecer da magia da inspiração nunca deixou de assombrar o fazer. E não só de poemas. Quem, como eu, ou outros parasitas de poetas, não espera ansiosamente pelo momento divino em que o lápis – finalmente, inexplicavelmente – dá, literalmente, à luz aquilo por que o trabalho de dias ou meses andou lutando? O anjo (recriado em tantos poetas da nossa tradição) é esse mistério da imaginação, a que muitos chamam deus, e que traz consigo a oferta do nome: Israel; poeta – ou os heterónimos.

A promessa do deus hebraico a Abraão no *Gênesis* (12.7; 13.14-15), reiterada a Moisés na sua forma da mais cruel exclusão no *Êxodo*, preside a muita da poesia de Ana Luísa Amaral. Neste livro também. Diz o deus dos hebreus a Moisés sobre Canaã, uma terra que terá de ser violentamente exvaziada de gente para cumprir a promessa da terra para uma gente ávida de terra: “Eu enviarei o meu terror diante de ti, e exterminarei todo o povo, em cujas terras entrardes (. . .) Não os lançarei fora da tua face durante um ano: para que não fique a terra reduzida a um ermo, e se multipliquem contra ti as feras. Lançá-los-ei fora pouco a pouco de diante de ti, até que tu cresças, e te faças senhor do país. Os limites, porém, te assinarei (. . .) entregarei nas vossas mãos os habitantes da terra, e os expulsarei da vossa vista (. . .)” *Êxodo* (23.27-33).

Aludi atrás a “A terra dos eleitos”, que aparece na p. 129-130:

Era então essa
a terra do segredo,
o espaço de ventura
prometido?

De abundância
e
de doces lugares
em que o excesso de ser
contrariava
a existência parca
da viagem?

Era esta então
a terra da promessa,
o espaço de fortuna
dos eleitos?

Devia ser:
e líquidas fronteiras
ali foram traçadas

Feitas de leite e mel
para os eleitos
e de fel e de sangue
para os
outros

A gravura que na página 128 se abre a este poema – o qual de novo fala de terra prometida, de eleição e exclusão, da antiga Canaã e do moderno Estado de Israel – é um golpe de génio, ao associar o velho mito da promessa da terra à colonização moderna. *A balsa de Medusa* de Théodore Géricault é uma evocação das terríveis consequências do naufrágio da fragata francesa *La Meduse*, que em 1816 rumara ao Senegal em mais uma missão civilizadora. Os poucos sobreviventes do naufrágio tiveram de comer-se uns aos outros. Colonialismo como antropofagia.

Sugeri já que *Ágora* traz consigo um olhar, crítico ou não, sobre criações anteriores de Ana Luísa Amaral. “Original pecado”, da página 93, veio, incólume, e sem imagem, de *Às vezes o Paraíso* (1998). “A leste do paraíso”, na página 113, vem também, directo, de *Às vezes o Paraíso*, mas agora acolitado por um perturbador quadro de George Frederic Watts, intitulado “A morte de Caim”, e acrescentado de uma coda que aponta sem piedade para a irremediável solidão do marginalizado. Ana Luísa Amaral escreve Ana Luísa Amaral.

A poesia escreve-se na poesia.

Referências

AMARAL, A. L. **Ágora**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2020.

AMARAL, A. L. **Ara**. Lisboa: Sextante Editora, 2014.

AMARAL, A. L. **As vezes o Paraíso**. Coimbra: Quetzal Editores, 1998.

AMARAL, A. L. **Epopeias**. Coimbra: Fora-do-texto, 1994.

AMARAL, A. L. **Imagias**. Lisboa: Gótica, 2002.

Recebido em: 01 de agosto de 2020

Aceito em: 10 de outubro de 2020

Publicado em dezembro de 2020